



ÉTICA, PATRIOTISMO E PROFISSÃO MILITAR

Roberto Miscow Filho

Maís de um pensador, brasileiro ou de outro país, já identificou em nossa época uma tendência anti-intelectualista, isto é, uma prevalência do voluntarismo, da praxis sobre a racionalidade, um desdém pela análise feita a partir de modelos ideais, uma preferência pelas soluções pragmáticas e imediatistas.

Recentemente, por exemplo, a nossa Ministra da Educação, em pronunciamento feito no Conselho Federal de Cultura (4 Out 82) pronunciou as seguintes judiciosas palavras:

"Temo que no Brasil a educação não venha contribuindo, como lhe ocorre o dever de contribuir, para o florescimento da cultura, e a razão capital dessa falha está menos na deficiência de recursos do que no excesso de tecnicismo de

que estamos a padecer, por contágio, aliás, da maioria dos países civilizados, que vão sendo afligidos por grave inflação de especialização. *Não houve nunca época de tanta ciência e tão pouca sabedoria.*" (O grifo da última frase é do autor deste artigo.)

O tecnicismo, citado pela Exm^ª Sra. Ministra, faz parte da referida tendência anti-intelectualista. Sem dúvida alguma, entre os adeptos do tecnicismo, existem os chamados "bons propósitos", as "boas inspirações", os "bons instintos" etc.; tudo isso é aceitável. Difícil é admitir que pessoas de certo nível cultural, de formação superior, abdicuem do dever e do direito de pensar usando princípios e valores éticos e passem a escolher o caminho fácil do que julgam ser o mais útil.

ÉTICA

A palavra costuma ser olhada com desconfiança ou com desprezo, pois a tal descrédito costumam levá-la o moralismo e os moralistas. Objetivamente, tranquilamente, pode-se definir a ética como a ciência ou o ramo do conhecimento que trata "do que deve ser".

Assim como a geometria se apóia em axiomas tais como: "a linha reta, sobre um plano, é o menor caminho entre dois pontos", ou "o todo é maior do que as partes", a ética também tem seus primeiros princípios, indemonstráveis, tais como: "deve-se fazer o bem e evitar o mal", ou "o filho deve respeito a seus pais". Quem nega esses axiomas, ou está querendo, como se diz, "esnobar" ou está doente da cabeça.

Entretanto, além da negativa dos "snobs" e dos perturbados, a ética sofre, também, o ataque do chamado "sociologismo", ou seja, a intromissão indevida da sociologia (que é uma ciência de *observação*, de *constatação* de fatos) na esfera da moral (que é uma ciência *normativa*). Por exemplo: para um adepto (consciente ou inconsciente) do sociologismo, se 95% (noventa e cinco por cento) dos filhos existentes no Rio de Janeiro não tiverem respeito por seus pais, tal fato passa a significar que desrespeitar os pais é "normal" nesta cidade do Rio de Janeiro.

Ora, basta prestarmos atenção à palavra: "normal" significa de acordo com a norma, isto é, com a lei, com o preceito; é, portanto, quase sinônimo de "verdadeiro",

isto é, algo independente de opinião e de levantamentos estatísticos.

Tal consideração fica mais clara se dermos o clássico exemplo dos pára-lamas. Suponhamos que a "média" do número de mossas em pára-lamas de automóveis em São Paulo seja igual a 10 (dez). Nenhum paulista inteligente apanhará um martelo para bater em seu carro até ele ficar "normal", com dez mossas...

Pode parecer que tais considerações sejam exageradas, porém, conforme dito na introdução, uma das características da mentalidade contemporânea é um certo despreço pela racionalidade e, sendo a ética um conhecimento eminentemente racional, o considerar uma argumentação exagerada talvez seja reação de uma postura habitualmente refratária à análise intelectual, postura infensa a qualquer arrazoado que não seja pragmático.

Vejamos um outro exemplo hipotético, este mais próximo da comunidade militar. Um coronel, recém-designado para comandar certo quartel, assume o comando da Unidade e acaba logo descobrindo que a maioria da incorporação é de soldados indolentes, apáticos, desfibrados etc. Deverá aquele oficial superior considerar "normal" sua Unidade ou deverá envidar esforços para corrigir, para enquadrar, para transformá-la, enfim, em uma TROPA?

Uma saída cômoda para o analista é dizer: "problema do coronel!" O correto, o digno, o verda-

deiro é afirmar: "problema de todos nós!"

Um sociólogo poderá explicar ao coronel as *causas*, a *origem* do desajustamento daquela hipotética incorporação; poderá mesmo inferir uma *tendência* de outras incorporações chegarem ao mesmo estado de coisas. O que nenhum sociólogo poderá fazer é tentar convencer o comandante a aceitar passivamente aquela situação, aquela tendência. Por quê? Porque ambas, a situação e a tendência, são contra as normas, são contra a ética!

PATRIOTISMO E NACIONALISMO

Todos brasileiros reconhecemos os méritos do grande jurista, pensador, escritor político que foi Ruy Barbosa. O insígne baiano talvez não seja, atualmente, modelo de oratória a imitar; sua retórica possivelmente não é mais cabível. Entretanto, as idéias geradas por esse baiano genial ainda são perfeitamente válidas.

Uma dessas idéias está expressa em frase sintética porém impregnada de sentido:

"A Pátria é a família amplificada."

Poucas vezes alguém, neste País, terá dito em tão pequena frase uma verdade tão grande.

Os homens da Idade Média sabiam (e bem sabido) que existem as chamadas "virtudes cardeais": a Prudência; a Justiça, a Força e a Temperança; como sabiam, também, que o patriotismo está inserido entre os deveres da Justiça. É

justo tributarmos o respeito, o carinho, a dedicação e até mesmo o sacrifício em favor de nossos pais; por extensão, esse tributo vai a nossos irmãos de sangue e, por um transbordamento de generosidade, àqueles que falam a nossa mesma língua, têm a nossa mesma crença, os mesmos costumes, as mesmas tradições. É uma amplificação da família.

O conceito de patriotismo, portanto, está inserido na lei natural, é um conceito profundamente ético. Faz parte da própria natureza do ser humano. Independente do tempo e do lugar.

(Hoje em dia, muita gente nem sabe quais são as "virtudes cardeais"; ignora-se, por exemplo, que a mãe correndo para o prédio em chamas, para salvar o filho em perigo, o faz movida pela *virtude* da *prudência*. Prudência em nossa época é sinônimo de acomodação...)

Materialmente, semelhante ao patriotismo porém formalmente muito diferente dele, é o chamado nacionalismo, concepção que surge no alvorecer da Renascença paralelamente com o aparecimento do Estado moderno.

Pode-se, grosso modo, definir o nacionalismo como uma exacerbação do sentimento patriótico. Talvez haja uma componente afetiva; porém, no cerne do nacionalismo o que existe realmente é um orgulho, uma incapacidade intelectual de aceitar e de admirar o patriotismo dos outros. Não foi por amar demais a Alemanha que os nazistas erraram; erraram, sim, pela estúpida, cruel arrogância que só admitia

a inteligência e a capacidade germânica e deduziam desses valores pretenso direito de dominar os outros povos, considerados por eles como inferiores.

(Coisa análoga ocorre com o egoísmo; contrariamente ao que muitos imaginam, o egoísta não é alguém que ama exageradamente a si próprio, mas alguém que se ama segundo critérios distorcidos, isto é, baseado naquilo que é inferior em sua natureza. O amor verdadeiro, isto é, aquele que é conforme a parte mais nobre da natureza humana, jamais é exagerado.)

O sociólogo poderá nos ensinar que o mundo moderno é um grande conjunto dos mais diversos tipos de nacionalismos; poderá, com o apoio da história, explicar como eles se formaram e poderá, ainda, prever outros novos nacionalismos. O que não compete ao sociólogo é fazer-nos admitir tal situação como "fato consumado", isto é, aceitar que o mundo *tenha que ser*, forçosamente, esfacelado, neutrotizado pela concepção nacionalista.

Não deixa de ser curiosa a coincidência: os nacionalismos modernos começam a se consolidar na época da Revolução Francesa a qual introduziu entre os povos uma esdrúxula Fraternidade sem Pai (o assassinato do Czar e da família imperial russa pela revolução comunista de 1917 tem certa correlação com a morte de Luiz XVI e Maria Antonieta em 1793, simbolizando tais crimes a morte do *pai*, palavra esta que é a origem de *pátria*).

Numa educação para o patriotismo (como antigamente ocorria em nossas escolas primárias e em nossos ginásios), além dos episódios da história pátria, são apresentados aos alunos grandes fatos ocorridos em países distantes no tempo e no espaço, por exemplo: a abnegação de um Leônidas e seus trezentos espartanos, o desprendimento de um Cincinato, a audácia de um Múcio Cévola, a palavra de honra de um Régulo, a coragem de um pequeno vigia lombardo, o destemor de uma Brigada Ligeira em Balaclava, e outros.

Numa "conscientização" para o nacionalismo, restringe-se a divulgação ao círculo dos heróis e gênios nacionais (na Alemanha nazista proibiu-se ouvir música de Mendelsohn porque era judeu; na Rússia soviética ensina-se aos jovens que foi um russo o inventor do rádio...).

Numa educação para o patriotismo ressaltam-se os valores éticos ("mentir é sempre torpe"); numa "conscientização" para o nacionalismo, insinuam-se valores pragmáticos ("mentir é válido se tiver razões de Estado").

A PROFISSÃO MILITAR

Anteriormente, fizemos referência à ética, à lei natural. Ora, um dos preceitos estabelecidos pela ética, pela lei natural é o chamado "direito à legítima defesa".

O conselho evangélico de virar a outra face refere-se ao nosso próprio rosto e não ao de nossa esposa, de nossos filhos, de nossos amigos. Quando o nosso próximo, a

nossa família é ofendida (e a Pátria é a família amplificada) não nos cabe ficar impassíveis e engolir a injúria; somos moralmente obrigados a reagir.

O preconceito, na maior parte das vezes, é fruto do desconhecimento; por isso convinha fazer, por exemplo, certas referências à Bíblia. No Antigo Testamento, podemos citar o livro dos Macabeus que é, a par de seus ensinamentos religiosos, uma exaltação do patriotismo do povo judeu em luta (e luta renhida) pela sua liberdade. No Novo Testamento há um trecho em que São João Batista é procurado por alguns soldados e, consultado sobre o que eles devem fazer, o santo profeta *não* lhes insinua deporem as armas, nem lhes aconselha deixarem de ser viris. Apenas recomenda: "Não maltrateis e não queirais extorquir nada de ninguém; contentai-vos com vosso soldo." (São Lucas, Cap. 3, Vs. 14.)

Santo Agostinho, o grande Bispo e Doutor da Igreja, em sua carta nº 189, dirigida a Bonifácio (um militar) mostra não existir incompatibilidade em ser cristão e, ao mesmo tempo, ser um bom soldado. No século XIII, São Luís, rei de França, foi tão virtuoso quanto bravo comandante nas Cruzadas. Dentro das tradições judaico-cristãs, o pacifismo sempre foi considerado imoral, antiético!

Desse modo, é simples inferir que a profissão militar está perfeitamente situada em um universo ético, baseada que é no direito à legítima defesa estendido à sociedade onde vivemos.

É interessante notar, a esse respeito, alguns fatos já pertencentes às nossas tradições.

Por exemplo, a revista onde o presente artigo está sendo publicado tem o significativo título de "A Defesa Nacional".

Outro exemplo: a canção do Exército diz em seus versos:

"A paz queremos com fervor,
A guerra só nos causa dor;
Porém se a *Pátria* amada
For um dia ultrajada
Lutaremos com valor!"

Outro: quando o Brasil entrou na Guerra da Tríplice Aliança, o Ministério da Guerra do Império fez publicar uma ordem do dia em que se recomendava às nossas tropas combatentes o tratamento humanitário aos feridos e prisioneiros de guerra inimigos.

Outro: todos sabem que o nobre Caxias, quando de sua vitória definitiva sobre os Farrapos, não quis que fosse celebrado um "Te-Deum" festivo, pediu porém que todos rezassem juntos pelas almas dos brasileiros mortos na revolução.

Outro: na campanha da Itália, nossos "pracinhas" enfrentaram um inimigo experimentado, uma topografia difficilima, um clima áspero e, apesar de tudo isso, mantiveram o bom humor típico do brasileiro, chegando até mesmo a dar o carinhoso apelido de "Lurdinha" a uma famosa metralhadora alemã.

Outro: em 1964 nossas Forças Armadas ergueram-se coesas contra a subversão que ameaçava nossa Pátria e fizeram uma Revolu-